

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**ARQUITETURA, GEOGRAFIA E MÚSICA: UMA DISCUSSÃO
ARTÍSTICO-FILOSÓFICA**

MARQUESSUEL DANTAS DE SOUZA, DANIELE INÁCIO LIMA

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.1: 117-136, jan., 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/47281/32938>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan., 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ARQUITETURA, GEOGRAFIA E MÚSICA: UMA DISCUSSÃO ARTÍSTICO-FILOSÓFICA

MARQUESSUEL DANTAS DE SOUZA¹

DANIELE INÁCIO LIMA²

RESUMO

O presente artigo busca discutir brevemente a relação que envolve Arquitetura, Geografia e Música sob o viés artístico-filosófico. Do mesmo modo, visa apontar a importância da temática quando da discussão referente à ocupação do espaço geográfico como o espaço de vivência e de experiências dos seres, em especial o homem, relacionando as articulações fenomenológico-existenciais dos mesmos. Sob uma perspectiva artístico-filosófica o mesmo busca valorizar o diálogo prosaico sobre o espaço, as formas de linguagens referentes às construções plásticas e a imaginação contida na obra de arte significativamente na cultura dos homens, em particular baseando-se em duas formas de artes: a arquitetura e a música. Trazendo à discussão a relação que envolve Artes e Ciência a fim de mostrar que essas perspectivas constituem formas outras de enriquecer o modo de ler o mundo e que o valor simbólico inserido nestas contribuem substancialmente para constituir de forma mais acentuada a alteridade. Deste modo, intenta para uma breve compreensão sobre o modo de manifestação e de organização das construções objetivas em diversas culturas, contudo, por um olhar artístico-filosófico.

Palavras-chave: Arquitetura; Geografia; Música.

INTRODUÇÃO

Uma discussão envolvendo dois modos (ciência e artes) de se pensar a sociedade e em geral a natureza é algo desafiador, porém, significativo do ponto de vista cultural e interdisciplinar. Assim, convém indagar: o que tem a ver a Arquitetura com a Geografia? Do mesmo modo, podemos sugerir outras indagações pertinentes, a saber: qual o significado da Arquitetura ser considerada uma arte, isto, principalmente pelos filósofos? Porque a pintura deve ser discutida no âmbito da Arquitetura, bem como na Geografia? Do mesmo modo se coloca: o que tem a ver a Música com a Geografia e com a Arquitetura? - Pois bem, é importante salientar que o texto está dividido em duas partes, a primeira discute a relação entre Arquitetura e Geografia, a segunda corresponde à dialética envolvendo Arquitetura e

1 Graduado em Geografia - Faculdade Tereza Martin (FATEMA) – São Paulo - SP. Estudante do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (Geoliterart) da USP. E-mail: marques-suelgf@gmail.com

2 Graduada em Arquitetura - Universidade São Judas Tadeu (USJT) – São Paulo - SP. E-mail: danieleinaciolima@gmail.com

Música. Entrementes, o presente texto busca realizar uma reflexão sucinta, contudo, direcionando o perceber/discernir e o decifrar de modo lógico. Uma olhar estético, por assim dizer, sobre o espaço.

Sem fazer objeções concernentes às tarefas técnicas de ambos os campos do saber, a Arquitetura e a Geografia tornam-se doravante inseparáveis no sentido de fazerem parte de uma única complexidade chamada existência. Em outras palavras, a Arquitetura para fazer-se existir necessita do espaço geográfico; já a Geografia necessita da Arquitetura, principalmente quando busca analisar o urbano (Geografia Urbana), e também além do urbano: o ordenamento urbano das redes de transportes, áreas de lazer como parques, espaços para atividades recreativas entre outros. Pois a ideia de urbanização é constituída a partir de certos critérios, em especial, aquele no qual o homem depende para satisfazer suas necessidades de sobrevivências, quer dizer, a urbanização tem como uns de seus critérios básicos a efetivação da moradia/habitação, em especial, seja estas simples ou não. Entrementes, isto requer atenção tanto por parte do arquiteto, do engenheiro civil ou do geógrafo, bem como do próprio sociólogo ou urbanista.

Bem entendido, o presente texto busca discutir a relação entre Arquitetura, Geografia e Música sob o ponto de vista artístico-filosófico e estético, muito embora não deixemos de considerar a ética que envolve a tríade que colocamos como tema: Arquitetura, Geografia e Música. Com efeito, as técnicas que fazem parte da metodologia desses três campos do saber não serão consideradas, pois não se pretende discutir os meios de ordenamento técnico que diz respeito à arquitetura, à geografia e à música. Ou seja, não será analisada a questão matemática, física, química e prática dos três campos do saber, mas simplesmente e tão somente a questão estética e teórica que as envolvem.

Diante o exposto e buscando compreender as últimas palavras do parágrafo anterior há de considerar ainda a cultura em geral, a ideia de patrimônio, residência pública (privada) e os meios de manipulação no ordenamento da sociedade. Eis então a questão de se estudar algo por meio da interdisciplinaridade. Isto, para evitar o isolamento das ideias. Ou seja, o que envolve uma cultura é tudo aquilo que a mesma possui e oferece aos seus constituintes da melhor forma possível para além do comum. Podemos dizer que neste contexto Cultura é toda construção material e imaterial de um grupo humano. Deste modo, as páginas seguintes nos mostrarão como a Arquitetura e a Geografia, por intermédio das Artes constituem, por assim dizer, um modo outro de olhar o mundo e de observar que muita coisa ainda permanece oculta, por conseguinte, todos veem. Quer dizer, analisar a natureza (mundo) fazendo ponte entre os diversos saberes é um ponto fundamental para a compreensão da mesma (o). Em outras palavras, a geografia pela geografia - em nosso caso específico - não é capaz de realizar tal façanha perante a complexidade da existência real e concreta. Poeticamente, os ecos soam, os olhares planam, os pés vagueiam.

ARQUITETURA E GEOGRAFIA

Como já fora efetuada na introdução deste texto, exigimos que se faça novamente a indagação para abrimos nossa discussão: o que tem a ver a Arquitetura com a Geografia? Pois bem, comecemos por buscar responder adequadamente, muito embora tenhamos conhecimento sobre as mais variadas respostas a essa simples pergunta. Podemos iniciar dizendo o que defendemos poucas linhas passadas quando colocamos que a Arquitetura necessita de espaço, o mesmo acontece com a Geografia quando passa a investigar o espaço, principalmente o espaço humanizado. Em todo caso, ao longo do texto veremos que esta primeira indagação e esta primeira resposta será frequentemente referenciada como a base de toda discussão. Destarte, a paisagem, o relevo, os ornamentos, as envergaduras, o repouso, a luz, o movimento, o clima, a gravidade, a ostentação, a rigidez, o equilíbrio estão todos amalgamados entre si de tal modo que seria absurdo e ridículo dizer que a Arquitetura e a Geografia não teriam certa ligação entre *ser* e *estar*, no sentido fenomenológico.

Assim sendo, é preciso inferir que ambos os conhecimentos são fundamentais um ao outro de tal modo que suas explicações por mais simples que sejam ainda sim são consistentes. A Arquitetura e a Geografia são conhecimentos de tempos tão remotos (longínquos), que convém citar, apenas como exemplos, autores da literatura clássica. Deveras, Vitruvius e Estrabão remontam aos tempos da antiguidade, ambos os autores nos deixaram conhecimentos nas duas áreas que ainda hoje são estudados como os maiores conhecedores antigos nas suas especialidades (Arquitetura e Geografia, respectivamente). Assim como o legado de Platão, Aristóteles, Hipócrates, Heródoto, Arquimedes, Eratóstenes, Parmênides, Pitágoras, Tales e muitos outros. Desde os tempos de outrora esses autores são estudados como referências básicas a qualquer estudo científico, por sua vez, muitos já se distanciam de seus propósitos quando comparados à nossa época recente.

Entrementes, para iniciarmos provocando, antes de evocar o papel da arquitetura e do arquiteto nas sociedades humanas, falaremos rapidamente - neste parágrafo - da naturalidade das coisas, isto é, dos arquitetos inatos, parafraseando Karl Marx. Ou seja, aqui somos levados a considerar algumas situações, por sua vez, sem intermédio da ação antrópica. Quer dizer, os arquitetos inatos em que elencamos são animais que possuem em si uma extraordinária capacidade de projetar e de construir de maneira outra no qual o homem está muito distante de tal realização. Alguns desses animais considerados são as aranhas, as formigas, os cupins, as abelhas e algumas espécies de pássaros tais como o João de Barro e o Beija-Flor, entre outros. Esses seres vivos constroem suas edificações com tamanha precisão que deixam os homens em estado de êxtase, simplesmente por possuírem habilidades que o próprio homem não as possui. Muito embora, todos esses animais apesar de possuírem todas as habilidades que apresentamos em síntese, mesmo assim, ainda estão longe de se igualarem ao homem. Isto, em vista dos processos de evolução racional, dos progressos da humanidade do ponto de vista técnico e informacional, que conseguem, por assim dizer, em algum

momento da suposta evolução, superar as habilidades dos animais citados. Por conseguinte, não podemos esquecer que neste texto estamos apenas efetuando uma breve discussão que versa sob um olhar artístico-filosófico ou, estético, sobre a arquitetura e a geografia. Assim, devemos nos ater aos pormenores que o texto apresenta singularmente.

A Arquitetura e a Geografia são áreas do conhecimento no qual viabilizam realizações humanas cujas mesmas podemos dizer que transcendem para além do humano. Coloquemos duas questões básicas para uma breve reflexão acerca das duas maneiras de se pensar o mundo: o que é Arquitetura? e o que é Geografia? - Viabilizaremos respostas básicas e simples de modo que possam nos satisfazer como uma primeira tentativa de aproximação conceitual. Muito embora, não esqueçamos que o diálogo entre esses dois campos do conhecimento possuem métodos independentes, por conseguinte, isto não os separa. Como já defendido anteriormente, as metodologias fazem parte da análise técnica de cada uma, mas em se tratando de uma discussão artístico-filosófica ou, estética, a técnica conceitual envolvendo tanto a Arquitetura quanto a Geografia não será considerada no presente texto. Apenas estamos discorrendo sobre uma ideia de transcendência, metafísica ou de subjetividade psicofísica (abstração, por sua vez, fundamentada na realidade) a partir do homem - cujo mesmo ser - ele é o construtor tanto das ciências como das próprias artes.

A Arquitetura é considerada, em termos gerais, como “a arte de organizar o espaço” (LEMOS, 1986, p. 35). Do mesmo modo, em sentido vulgar, diz-se da Arquitetura como a ciência da construção ou de se fazer erguer concreto armado, ou de se fazer erguer estruturas metálicas (ou até mesmo de e com outros materiais). Em todo caso, busquemos mais argumentos para nossa discussão a fim de ampliar nossos conhecimentos e evitar um diálogo vago e simplista. Bem entendido, a arte de “arquitetar” geralmente é observada pelos leigos como o ato ou a técnica de se fazer esculturas de concreto, por conseguinte, o senso comum acaba esquecendo o fator principal que faz da arquitetura um conhecimento de grau elevado. Fator este quando se considera a questão da moradia humana. Conquanto, a arquitetura seja muito mais ampla do que isso, dado que ela estuda os espaços e os projeta da melhor forma possível visando sempre o bem estar humano, ou seja, neste sentido, não existe arquitetura sem a preocupação com o ser humano e suas exigências. Assim, a arquitetura está intimamente ligada ao homem. Destarte, “a arquitetura é uma chave para compreender a realidade” (TUAN, 2013, p. 128).

Para o filósofo Schopenhauer “o tema propriamente estético da bela arquitetura é a luta entre gravidade e rigidez”³ (SCHOPENHAUER, 2003, p. 129). Neste

3 Grifo do autor conforme o original. - A ideia de gravidade não é tão fácil de ser explicado se pensarmos do ponto de vista da Física. Mas no nosso caso específico, em se tratando de uma discussão artístico-filosófica e estética, por assim dizer, convém ressaltar as ideias de Schelling para melhor compreendermos nossa exposição. Pois bem, para Schelling “a gravidade é o que faz com que cada posição seja, no universo, um centro para si” (SCHELLING, 2010, p. 79). Gravidade e rigidez em luta constante com o equilíbrio

contexto, inferimos ser o intermediador entre a gravidade e a rigidez, o próprio equilíbrio. Pois “a ordem vertical rivaliza com a horizontal em sua percepção do mundo” (GEORGE, 1969, p. 143). Com efeito, uma abóboda de uma catedral ou de um edifício similar possui em si uma luta resistível e invisível chamada equilíbrio. Agindo e fazendo com que a mesma mantenha-se sustentada em perfeita harmonia no espaço-tempo visual. Assim, há uma força em atividade permanentemente, a saber: o peso. O peso que uma abóboda exerce sobre uma construção é algo de relevância quando se pensa na estética do concreto armado ou estruturas metálicas. A estética, neste caso particular, envolve toda a construção, não se restringindo apenas ao exterior da coisa, mas considerando também o interior onde tudo acontece igualmente.

Para Vitruvius, “a ciência do arquiteto é ornada por muitos conhecimentos e saberes variados, pelos critérios da qual são julgadas todas as obras das demais artes” (POLIÃO, 2002, p. 49). Por isso, optamos por nos envolver numa chamada dialética envolvendo Arquitetura, Geografia e Música para mostrarmos a importância de estudá-los conjuntamente. Como bem colocou Vitruvius, é necessário que o arquiteto “aprenda história profundamente, que ouça com atenção os filósofos, que conheça música” (POLIÃO, 2002, p. 50). Assim como é necessário que o arquiteto conheça geometria. Por seu turno,

a geometria presta uma grande ajuda à arquitetura: primeiramente ela trouxe o uso da régua e do compasso, com os quais se descreve muito facilmente o projeto dos edifícios terrenos e o alinhamento dos esquadros, dos níveis e dos prumos. Do mesmo modo, pelo estudo da ótica, a luz é conduzida corretamente nos edifícios a partir de determinadas direções do céu (POLIÃO, 2002, p. 50).

Assim, podemos inferir o valor significativo de se estudar outros meios de interpretar e decifrar o mundo. Ideia de compreender o mundo por meio da interdisciplinaridade.

Além do que fora exposto até o momento sobre a arquitetura, devemos chamar atenção para o fato de a arquitetura apresentar uma ideia de cronologia. Algo que pode ser observado nas características típicas, regionais, evolucionais e periódicas de cada civilização. Em outros termos, a arquitetura desempenha, grosso modo, o papel da história através da ideia cronológica implantada em todas as edificações fixas sob a superfície terrestre. Isto é, cada época, por assim dizer, nos faz perceber um tipo ou estilo próprio de arquitetura (ruínas). Cada época nos apresenta um jeito único de projetar as edificações conforme o momento vivido por uma civilização, uma geração. Assim, podemos aludir aos grandes templos de outrora, entre estes, por exemplo, o templo de Apolo (templo de Delfos)

se configuram em peso. Em termos outros, “a gravidade é a silenciosa festa da natureza” (SCHELLING, 2010, p. 141). Um movimento singelo e invisível agindo eternamente. Assim sendo, se considerarmos as ideias de Schelling, a gravidade é o movimento do silêncio.

da Grécia antiga. O mesmo ocorre quando observamos as diferenças específicas entre os povos, em outras palavras, se buscarmos analisar as organizações arquitetônicas tanto para o bem estar humano quanto para a vida do comércio entre certos costumes, por assim dizer, se compreenderá o porquê de algumas cidades terem organizações arquitetônicas espaciais tão diversificadas. Para exemplificar nossa exposição citemos uma pequena povoação localizada na Serra do Mar no estado de São Paulo: Paranapiacaba. - Esta povoação se apresenta como um excelente exemplo de organização arquitetônica do tipo no qual referenciamos anteriormente. A vida na cidade, ou vila, se dá de forma comum como em qualquer outra localidade, mas o que se observa nesta povoação e a faz diferente de outras tantas é exatamente o modelo de estruturação ou, de organização arquitetural ali presente. Assim, o que a arquitetura nos apresenta como cronológico se configura em História (bem como em Geografia, pois onde há ruínas históricas, há ruínas geográficas).

Continuando nossa exposição, ainda nos falta falar da Ciência Geográfica. Para não sermos prolixos, consideraremos apenas algumas proposições a respeito da Geografia. Deveras, diremos: rigorosamente “não é fácil definir nem estabelecer, com precisão, o que é a Geografia” (ANDRADE, 2008, p. 17). Bem entendido, a Geografia em geral é a ciência da descrição da Terra, ou, da descrição da crosta terrestre, bem como ser a ciência do espaço (isto, sempre lembrando a ideia de mapa e escala). Para muitos estudiosos a Geografia se define por vários objetos que a mesma busca investigar. “Alguns autores definem a Geografia como o estudo da superfície terrestre” (MORAES, 2007, p. 31), outros a definem “como o estudo da paisagem” (MORAES, 2007, p. 32). Há outros autores que postulam outras definições para a Geografia chamando-a de Ciência que estuda “as individualidades dos lugares” (MORAES, 2007, p. 33), ou “a ciência da diferenciação de áreas” (HARTSHORNE, 1969, p. 16), bem como o “estudo do espaço” (MORAES, 2007, p. 34). Por fim, “alguns autores definem a Geografia como o estudo das relações entre o homem e o meio, ou, posto de outra forma, entre sociedade e natureza” (MORAES, 2007, p. 35). Embora sabendo que a própria Geografia não se reduz a isto. A mesma alcança um horizonte muito mais amplo do que o colocado de forma sumária especificamente neste parágrafo. Neste contexto, há variadas formas de considerar a Geografia, doravante, consideremos todas as possíveis definições que foram apresentadas, isto é, a Geografia envolve todas as citadas proposições. Portanto, ao considerar o estudo do espaço, devemos pensar no seu ordenamento. Além disso, perguntemos: “qual é o objeto da geografia? O espaço geográfico⁴. Como se define? Pelas relações desse espaço com a sociedade.” (ISNARD, 1982, 09). Assim sendo, é neste sentido que a Arquitetura está intimamente ligada à Geografia.

4 O espaço geográfico aqui entendido “é um espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de seus sistemas de pensamentos como de suas necessidades” (DOLLFUS, 1972, p. 52). Por conseguinte, “a Geografia lida com o espaço do tempo presente no espaço” (SILVA, 1986, p. 99). Algo que caracteriza os estudos da arquitetura.

Tanto a Arquitetura quanto a Geografia envolve seres capazes de explorar e criar de tal maneira que os limites do inconsciente são ultrapassados pela imaginação. Estes seres capazes de exploração são os homens. - Considerando a Arquitetura e a Música como artes e a Geografia como ciência inferimos que todo cientista é um artista. Isto, por sua vez, pelo fato de tecerem muito bem suas ideias. Não obstante, todos agem num mesmo espaço de existência, contudo, cada um buscando interpretar este espaço por meio de seu instrumento de decifração do mundo. Seja este instrumento de traduzir o mundo uma ciência ou uma arte.

Se pensarmos que a Arquitetura e a Geografia partilham do mesmo espaço e que ambas desenvolvem seus estudos e seus projetos na superfície terrestre, então, porque não aproximá-las ainda mais?⁵ - São neste sentido de aproximação que estamos desenvolvendo esta breve discussão envolvendo ambos os campos do saber. Devemos lembrar que muitos dos cursos de Geografia são ministrados nas Faculdades de Arquitetura e, no mesmo sentido, muitos debates geográficos são utilizados/realizados em planejamentos imobiliários (ordenamento espacial) nos cursos de arquitetura. Como exemplo, vejamos a seguinte passagem: “na execução de uma obra da bela arquitetura, sempre se leva especialmente em conta a posição geográfica, por causa da luz. Tudo isso tem seu fundamento em grande parte no fato de, por uma iluminação clara e límpida, todas as partes e relações do edifício se tornarem plenamente visíveis” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 143). Do mesmo modo, o posicionamento geográfico⁶ torna-se considerável quando se trata de um determinado projeto arquitetônico. Exemplificando, um estádio de futebol, por exemplo, sempre será erguido sobre um terreno plano. Devemos lembrar que muitas cidades pelo mundo começaram a serem erguidas ou surgiram, por assim dizer, a partir de uma possível e suposta ‘localização geográfica’ favorável. Como exemplo de compreensão neste caso específico, podemos considerar como referências básicas os altos dos montes, à beira mar, às margens de rios e etc. - Estas últimas colocações (à beira mar e às margens de rios) são, por exemplo, partes constituintes do processo de civilização dos antepassados da humanidade como os gregos e os egípcios, apenas para citar alguns dos povos da antiguidade. Neste sentido, a considerável localização geográfica é um fator importante na organização de um projeto arquitetônico.

O espaçamento geográfico – referido anteriormente na nota 4 – é a base física e estrutural de toda obra de arquitetura. Qualquer obra de arquitetura erguida no espaço-tempo torna-se uma referência na questão da sugerida localização

5 Convém salientar que: “podemos detectar no atual pensamento científico a ausência de uma disciplina que integre em seus métodos de análise e reflexões o espaço territorial na sua totalidade física e social” (BLANCO, 2002, p. 12). Quer dizer, o referido autor exatamente neste ponto nos chama atenção sobre a falta dos estudos geográficos na arquitetura.

6 Neste ponto específico chamamos atenção dizendo que a geografia não se reduz ao sentido de localização, envolve outras instâncias e dimensões geográficas. – O posicionamento geográfico mencionado sugere compreender a ideia de mapeamento, escalas, constituição social do espaço entre outros fatores e elementos que envolvem a geografia.

espaco-temporal. Por outras palavras, um edifício ou uma ponte, por exemplo, com suas envergaduras lutando contra a gravidade tornam assim um objeto de referência para um determinado lugar. Apenas como esclarecimento, citemos a Torre Eiffel em Paris, que, grosso modo, torna-se um ponto de referência bastante convincente para nossa exposição. Quer dizer, em qualquer parte ou zona da cidade de Paris que estivermos podemos nos orientar através do citado monumento, que, por ter uma altura de aproximadamente 300 m, conseguimos identificar a direção do centro da cidade Parisiense. O mesmo acontece em outras cidades do mundo. Ocasionalmente, muitos edifícios ou construções sobre os leitos dos rios servem como uma acentuada referência para um determinado ponto numa cidade, entretantes, numa paisagem, num relevo. Um exemplo deste tipo pode ser um Forte, que concentra um poder militar específico.

Conforme nossa exposição, a ideia de proporção está intrinsecamente relacionada à Arquitetura e à Geografia. Pois, “a origem da arquitetura está vinculada às suas relações com as proporções e as formas geométricas. Porém a arquitetura não é somente estrutura geométrica. Não depende exclusivamente de leis eternas. Existe para servir ao homem, que é tão mortal como uma planta. Sendo assim, a arquitetura também carrega alguns traços inerentes às plantas e ao homem” (GIEDION, 2004, p. 897). Neste contexto (usando a ideia de abstração consubstancialmente), se observamos um homem ereto e uma árvore e os compararmos a uma obra de arquitetura podemos concluir que todos (tanto homens quanto árvores) apresentam características próximas, qual seja: possuem um centro de sustentação em seu interior que os fazem estendidos no espaço, bem como possuem formas específicas que cada uma dessas estruturas apresenta em si. Outrossim, devemos lembrar que isto é algo que há muito se discute. O próprio Vitrúvio comenta estas analogias em sua obra *Da Arquitetura*⁷.

O filósofo Schelling também faz referência às assimilações entre a arquitetura e o homem e as plantas. - Ainda se tratando da relação corpo humano, especificamente, e arquitetura, há uma passagem bastante interessante do filósofo

7 Para facilitar nosso entendimento acerca da relação entre arquitetura e homem, especificamente, há que se lembrar da pintura de Leonardo da Vinci quando este retratou sabidamente o Homem Vitruviano. Pintura de referência quando se trata da relação homem e arquitetura. Pintura esta que simboliza a ideia de Vitrúvio sobre a relação homem-arquitetura. - Por certo, não podemos esquecer, rigorosamente, que a discussão envolvendo arquitetura e homem não se restringe apenas ao corpo humano como forma estético sobreposto no espaço, tal discussão envolve o homem em si no sentido transcendental. Ou seja, para Puls (2006) “a arquitetura espelha o homem” (PULS, 2006, p. 14), porém, não no sentido de manifestação em que reflete a imagem humana. Mas sim no sentido de produto feito pelo próprio homem. Assim, “a arquitetura espelha o mundo humano” (PULS, 2006, p. 22), entretanto, “não o aspecto do indivíduo, mas o seu impacto no mundo” (PULS, 2006, p. 17). Portanto, “a arquitetura é uma síntese do universo, uma totalidade intensiva que espelha a totalidade extensiva do real” (PULS, 2006, p. 18). A arquitetura transmite a ação do homem no mundo. - Bem entendido, devemos lembrar ao leitor que a ideia de escultura, propriamente dita, não entra em nossa discussão.

Leibniz: “notre Ame est Architectonique encore dans les Actions volontaires”⁸ (LEIBNIZ, 1961, p. 604). Destarte, não iremos nos estender quanto a esta discussão, haja vista não ser nosso objetivo no presente texto. Por sua vez,

a arquitetura, quando construída, deve criar uma unidade a partir de uma série de partes diferentes. Uma das muitas maneiras de realizar as relações espaciais que transformam uma reunião de partes numa unidade é mediante o uso de um sistema de proporções ou de um simples módulo – isto é, ao se empregar determinadas medidas que são recorrentes em todas as três dimensões (GIEDION, 2004, p. 897).

Neste contexto, eis outro fator intrínseco entre Arquitetura e Geografia, a lógica das três dimensões. Instância que fundamenta o espaço-tempo existencial. Além do mais, pode-se dizer da valiosa contribuição em trabalhar a interdisciplinaridade, já referida.

Pois, “a ciência e a arte, à medida que exploram o desconhecido ou antecipam o futuro, refletem o nível real, o verdadeiro ser de nossa época. Constituem as legítimas forças morais, que nos representarão diante das gerações futuras, quando os horrores atuais do mundo exterior tiverem sido dissipados” (GIEDION, 2004, pp. 901-902). O poder e a influência da ciência e da arte na sociedade é algo que molda a perspectiva de toda uma geração. As épocas são representadas por suas tradições e seus costumes, em suma, pela cultura.

As ciências e as artes são atividades que, por explorarem o desconhecido da mente humana, ampliam a consciência do homem. Todo cientista, todo artista, é parte de uma longa tradição. Todavia, somente um espírito criativo pode ir adiante, além dos limites daquela tradição, explorar aquilo que até então ninguém tinha conhecido, visto ou sentido. Por meio da intuição, da imaginação e do impulso místico - e o que mais se quiser acrescentar - ele é capaz de abrir novas esferas do inconsciente. Estas esferas são distintas do mundo exterior, no sentido de que seu desenvolvimento essencial ocorre diretamente, pessoalmente, sem interferência de qualquer poder exterior. Seu desenvolvimento só se dá em liberdade, pois nenhum comando pode abrir caminho para o inexplorado (GIEDION, 2004, pp. 899-900).

ARQUITETURA E MÚSICA

A fim de evitar equívocos demasiados, chamamos atenção aos leitores sobre a principal característica de cada uma dessas artes em questão. Pois bem, a Arquitetura como arte tem como principal característica o fator visual. Já a Música apresenta como sua principal característica o fator sonoro. Assim sendo, há de observar o poder das sensações que o nosso corpo efetua e provoca como uma atividade permanente. O corpo nos permite estarmos na existência. Mediante

8 Nossa alma é arquitetônica ainda nas ações voluntárias (tradução nossa).

um ponto de vista crítico de nossa parte, - neste ponto especificamente - a visão e a audição prometem travar um equilíbrio extraordinário. Com efeito, já que a arquitetura se nos apresenta no fator visual e a música no fator sonoro, como relaciona-las para uma compreensão plausível? Eis que nas próximas páginas isto será debatido a fim de identificá-las como instâncias sublimes da capacidade psicofísica do homem.

Antes de iniciarmos, perguntemos audaciosamente. - Será que alguém já viu a sombra do vento? Será que alguém já conseguiu pular a própria sombra? Eis duas instigantes e inusitadas questões para se pensar demasiadamente sem, no entanto, obter respostas. Para tanto, conforme um pensador do século XIX há a possibilidade de ver a música através das formas arquitetônicas. Fora o filósofo Friedrich Schelling o primeiro a chamar atenção para o fato de a Arquitetura ser música petrificada ou, música congelada. Em todo caso, isso se coloca como algo duvidoso do ponto de vista lógico-objetivo (mais adiante iremos buscar compreender esta dúvida do ponto de vista lógico-objetivo formal). Singularmente, nota-se a partir deste ponto o grau de dificuldade que nos deparamos em nossa discussão. Apesar da complexidade irrefutável se verifica a conjugação da arquitetura com os números, sincronicamente harmonizados e melodiosamente configurados. Um jogo de perfeição elevada sem nenhuma objeção. - Arquitetura e Música através dos números surgem como algo para se pensar ousadamente, contudo, iremos nos restringir a uma abordagem em seus pormenores. Iremos apenas fazer breves apontamentos a respeito. Com efeito, esteticamente podemos alcançar nosso objetivo no que concerne ao envolvimento da Arquitetura com a Música. Para isto, requer atenção e esforço intelectual por parte dos autores do texto e dos leitores em geral.

A importância de se falar em música quando se trata de arquitetura é extremamente relevante para todos aqueles que estudam Arquitetura. Pois, “para Vitruvius, o arquiteto deveria conhecer a música e compreendê-la de modo que dominasse a teoria matemática e canônica, objetivando um dimensionamento correto, proporcional e harmônico em suas obras” (RABELO, 2007, p. 31)⁹. Devemos nos lembrar de que a relação entre arquitetura e música - no qual estamos discutindo nesta parte do texto - não é apenas sobre edificações de moradia, mas também aqueles monumentos que foram erguidos para determinados fins ou não, sejam estes fins estéticos ou não-estéticos. Como exemplo podemos nos referir novamente a Torre Eiffel em Paris, cuja mesma é uma verdadeira obra da bela arquitetura (consideramos que seu fim é apenas estético, pois se apresenta apenas como ponto de referência e símbolo da cidade da Paris). Entretanto, este citado monumento de referência mundial quando pensado em relação à música, realmente se apresenta, do ponto de vista estético, como uma música congelada¹⁰

9 Para uma leitura detalhada conferir a obra de Vitruvius *Da Arquitetura*. Ver referências.

10 A ideia de música congelada torna-se exuberante se pensarmos do ponto de vista estético-romântico. Esta ideia surgiu com o filósofo do romantismo alemão Friedrich Schelling

no espaço-tempo. Grosso modo, inferimos que a Torre Eiffel é uma espécie de poema gravado num empilhamento de ferro fundido e aço muito bem ornamentado cujo brilho aparece em seu formato e em perfeita harmonia com o todo em sua volta. A ideia de poema gravado numa obra de bela arquitetura sugere - filosoficamente falando - que algo fora recitado e se fixou através do olhar. “Pois cada olhar envolve uma observação, cada observação uma reflexão, cada reflexão uma síntese” (GOETHE, 1993, p. 37). No mesmo sentido, podemos nos referir igualmente aos monumentos históricos da Grécia, principalmente àqueles na cidade de Atenas. Do mesmo modo, às edificações em Roma, especificamente no Vaticano. Entrementes, as pirâmides de Gizé no Egito (que, por sua vez também fazem parte do contexto aqui tratado, pois são consideradas obras de construções erguidas). Em sentido análogo temos as Mesquitas no Oriente Médio, os edifícios luxuosos em Dubai, a ponte Rio-Niterói no Rio de Janeiro, o MASP em São Paulo, que parece uma enorme caixa suspensa por colunas tanto na vertical quanto na horizontal, entre outras.

MÚSICA E MORFOLOGIA ARQUITETURAL

Algumas construções são edificadas e determinadas para fins específicos em relação à música, por exemplo, as Salas de Concerto, em particular. Decerto, a relação entre arquitetura e música, neste sentido, refere-se em especial à acústica no e do ambiente. Assim, se misturam arte arquitetônica, acústica, experiência, contemplação, prazer e transcendência inegavelmente. - Orquestras de Câmara apresentam-se como conjuntos musicais delicados, sensíveis e carentes deste tipo de ambientação para efetuar uma adequada sonorização de seu tipo. A música de câmara tem necessidade de um ambiente acústico para executar suas melodias (peças). Devemos lembrar que nas cortes europeias das épocas de outrora, por exemplo, seus enormes salões de festas serviam para acomodar os convidados em geral, e dentre estes, em particular, os músicos das orquestras. Os teatros e os cinemas também ganham sua expressão neste contexto. Como dito, os teatros e os cinemas também fazem parte de obras arquitetônicas para determinados fins. Os teatros municipais de algumas cidades são configurações no espaço-tempo que embelezam qualquer coisa que está em sua volta. Os Teatros Municipais da cidade de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, tanto exterior quanto interiormente - para aqueles que sabem apreciá-los - faz com que aqueles que os apreciem sintam uma sensação de bem estar consigo mesmo, um bel prazer interior. Uma espécie de manifestação ontológica do ser-do-homem, no sentido heideggeriano.

em um escrito do ano 1802-1803 sobre a Filosofia da Arte. Muito embora, outros autores também proclamem a arquitetura como música congelada, é de suma importância frisar que o primeiro a falar sobre isto fora Schelling. Outros autores quando falam da arquitetura como música congelada está sempre referenciando a proposta de Schelling, por sua vez, muitos autores não o cite em seus escritos, apesar de mencionar a frase.

Pois bem, as imagens projetadas como um todo; os mastros, as pilastras ou colunas, a acústica áudio-oral do ambiente, as cores atraentes, as coberturas, os vislumbres do piso ao teto passando pelas laterais, o interior e o exterior e a sensação de bem estar é o que faz de uma bela obra de arquitetura ser verdadeiramente considerada como música silenciosa aos olhos. Algo um pouco paradoxal, mas que realmente transcende-nos em nosso íntimo.

MÚSICA: ARQUITETURA CONGELADA NO ESPAÇO-TEMPO (PRELÚDIO FILOSÓFICO)

A ideia de música congelada surgiu da capacidade de observação sensível e intelectual do filósofo alemão Friedrich Schelling em seu escrito sobre *Filosofia da Arte*. Este filósofo do romantismo e do idealismo alemão ocupa um lugar privilegiado e singular em nossa discussão pelo fato de proclamar a Arquitetura como algo outro esdrúxulo¹¹. Para este autor a arquitetura “é a música no espaço, segundo relações geométricas” (SCHELLING, 2001, p. 219). Por isso “a arquitetura, como a música da plástica” (SCHELLING, 2001, p. 219) torna-se música congelada, música solidificada, “música concreta” (SCHELLING, 2001, p. 221), música em repouso no espaço-tempo¹². Além disso, “a arquitetura seria ainda a música silenciosa ou a arte sonora em silêncio” (SOUZA, 2013, p. 105), arte emudecida ou ainda “uma arte muda dos sons” (GOETHE, 2005, p. 277). Destarte, a arquitetura assim interpretada torna-se música que está no espaço visível através das construções erguidas com seus vislumbres. Como dito anteriormente, a arquitetura é a música presente no espaço-tempo segundo relações geométricas. Deste modo, qualquer obra de arquitetura apresenta-se em si o espetáculo das formas geométricas, dado que, em virtude dos múltiplos contornos no espaço-tempo (relativizado e cósmico), a arquitetura consegue atingir as perfeições geométricas singularmente. Para tanto, o hexágono, o retângulo, o quadrado, o círculo, o triângulo, o pentagrama entre outras figuras geométricas, estão, reconhecidamente sem nenhum exagero, presentes nas obras de arquitetura. Não obstante,

11 A saber: arquitetura como “música petrificada” (SCHELLING, 2001, p. 219). No original alemão: “esrtarrte Musik” (SCHELLING, 2003, p. 404).

12 É de suma importância confrontar ao leitor algumas informações básicas sobre a ideia de arquitetura como música congelada. Com efeito, como já defendido anteriormente, outros autores também falam da arquitetura como música congelada. Goethe nos seus escritos sobre arte, fazendo referência a tal citação de Schelling nos diz: “um nobre filósofo falou da arquitetura como uma música petrificada” (GOETHE, 2005, p. 276). No original alemão: “ein edler Philosoph sprach von der Baukunst als einer erstarrten Musik” (GOETHE, 1982, p. 474). Hegel comenta algo a respeito em seu curso de estética: “Schelling disse da arquitetura que ela era uma música congelada” (HEGEL, 1997, p. 57). Muito embora no original alemão Hegel erroneamente cite Schlegel como o autor da frase: “Friedrich von Schlegel hat dir Architekter eine gefrorene Musik genannt” (HEGEL, 1970, p. 305). Devemos recordar ao leitor que o fato de Hegel ter citado erroneamente Schlegel no original, demonstra que apesar do ocorrido o objetivo foi transmitir o conhecimento do tema.

“um belo edifício não é de fato nada outro que uma música sentido pelo olho, um concerto (simultâneo) de harmonias” (SCHELLING, 2001, p. 235).

Esteticamente falando, podemos verificar que a ideia de música petrificada reúne em si e de uma única vez toda experiência humana. Esta ideia filosófica nos proporciona pensarmos ontologicamente na capacidade do inconsciente humano (no sentido da Psicanálise e da Psicologia Analítica). - A ideia de Sonho tão frequentemente debatida por Sigmund Freud e Carl Gustav Jung faz com que os nossos pensamentos atinjam a intersubjetividade para com a arquitetura. Quer dizer, se observamos criticamente refutando julgamentos simples, conseguiremos identificar qualquer obra da bela arquitetura como um pensamento onírico que estava recalçado e saiu de nossas mentes e se fixou concretamente na vida de vigília. Em outras palavras, podemos assim considerar que a arquitetura como música congelada se apresenta como a alegoria da caverna de Platão, no qual, aquilo que era apenas ideias ou sombras (no imaginário) passou a se realizar no exterior da caverna de maneira experimental e concreta.

Neste sentido, buscando compreender a arquitetura como música solidificada nos convém salientar a seguinte proposição: se nos elevarmos acima das alturas dos arranha-céus de uma média ou grande cidade podemos identificar, grosso modo, que a selva de pedras sob nossos pés se acha inteiramente assombrosa pelo simples fato de tudo que está lá embaixo permanecer sem movimento diante nossos olhos, ou seja, apenas verificaremos prédios e mais prédios ou casas em perpetuo repouso, em perpetuo silêncio, uma verdadeira selva de pedras emudecida simplesmente, algo que nos transmite medo certamente. A mancha urbana com suas gigantes edificações permanece como uma verdadeira pintura gravada sobre a face terra¹³. Assim, a arquitetura se configurando em música silenciosa ou música concreta, como já apontamos, não existe sem o seu fundo pictórico, pois não há paisagem sem cor. Neste contexto inferimos que podemos ver a música (no sentido visual, porém, sem ouvi-la), por assim dizer, através de qualquer obra de arquitetura.

ARQUITETURA, PINTURA E MÚSICA: RELAÇÕES NUMÉRICAS

A Arquitetura em seu espetáculo singular, isto é, nas construções de todo formato possível - assim queremos aproximá-la da pintura como artes visuais -, não existe sem a pintura, haja vista que qualquer objeto no espaço, apresenta em sua constituição, corpo e cor, que por sua vez se configura em luz¹⁴. Assim sendo,

13 Neste momento, queremos chamar a atenção dos leitores para o fato singular no qual estamos considerando a noção de cidade como música visível. Bem entendido, deve-se identificar esta situação e chamá-la, por assim dizer, de “cidade como obra de arte” (COSTA, 2004, p. 253).

14 Qualquer objeto no espaço apresenta cor, mesmo aqueles tidos como incolores apresentam cores em sua constituição. Em outros termos, todos os objetos ou corpos no espaço possuem forma, por mais que sejam minúsculos, e se possuem formas trazem consigo cores. Mesmo aqueles objetos proclamados de incolores possuem cores, simplesmente

quando se trata de se trabalhar com arquitetura não se deve jamais ignorar o fator pictórico, em virtude de não existir construção arquitetural sem cor. A pintura, podemos assim considerar, é para a arquitetura o que a pele é para o corpo. Do mesmo modo, a pintura serve como fundo existencial para a arquitetura. Em muitas ocasiões, uma bela pintura, por mais que uma construção esteja deteriorada, mesmo assim consegue infundir a essência no e do edifício. Do contrário acontece exatamente o seguinte: conforme as experiências vividas, pode-se inferir que um edifício muito bem vistoso em seu desenho artístico sem apresentar uma pintura adequada à sua categoria seria algo repugnante aos olhos daqueles que os apreciam. A contemplação estética sugere inexoravelmente que os adornos que estão erguidos sejam compatíveis com a cor que os mesmos exigem. Portanto, arquitetura sem cor é algo impossível. Por isso, não podemos deixar de considerar a cor um elemento muito importante na arquitetura. Neste sentido, consideramos verdadeiramente a cor como a epiderme da arquitetura.

Para tanto, buscando compreender a ligação entre arquitetura e pintura é digno mencionar, a título de exemplo, os grandes salões nas cortes das épocas imperiais em que se nota a pintura inegavelmente unida à arquitetura. - Certas pinturas são conforme os modelos arquitetônicos, neste sentido, podemos citar além dos salões imperiais, as Igrejas ou Catedrais e/ou Basílicas, entrementes, há ainda as bases militares nas margens oceânicas, já referidas, cujos nomes: Fortes. Esses Fortes representam em suas pinturas a força militar de guerra, batalhões unidos para enfrentar inimigos e os avanços de estrangeiros por vias marítimas. Tudo se configurando conforme determinado fim. Do mesmo modo, temos as Salas de Leitura ou Bibliotecas ou ainda Museus que apresentam cores de acordo com o próprio ambiente. - Uma ponte ou um viaduto, um presídio, um teatro, uma sala de concertos, uma praça de eventos, um galpão qualquer dentre outras construções armadas apresentam determinadas pinturas conforme sua arquitetura. Estes são apenas alguns exemplos que aludimos para facilitar o entendimento à nossa exposição quando da discussão entre arquitetura e pintura.

Buscando introduzir em poucas palavras esta subcessão de nossa exposição, vejamos qual o papel da música e da pintura nos estudos arquitetônicos. Com efeito, o filósofo Schopenhauer nos chama atenção quando nos fala de pintura musical ou de “música pintada” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 304). Assim sendo, neste momento nos surge uma questão; qual é o sentido desta afirmativa? Decerto, a pintura, juntamente com as formas geométricas dos edifícios, consegue fixar a essência das obras de arte da bela arquitetura. Deste modo, a pintura, podemos assim considerar, é música desenhada; a pintura configura-se como música visível. Neste sentido a música torna-se pintura invisível. Entrementes, a música sugere uma interpretação em que se possa considerá-la como o desenho do não visto; a música sendo a arte pictórica da audição.

Diante o exposto, certamente surge outra observação um tanto exótica, por assim dizer, quer dizer; além de tudo isso agindo no invólucro permanente da existência em si, o filósofo Schopenhauer quando trata sobre a ideia de arte em geral nos chama atenção (nas entrelinhas de *O Mundo como Vontade e Representação*) dizendo-nos que há uma pintura musical no fundo da existência. - Vejamos outra dificuldade que nos deparamos. A ideia de pintura musical pode nos parecer absurda, é verdade, mas se pensarmos do ponto de vista artístico-filosófico ou estético podemos chegar há uma conclusão de tal ideia. Isto se configura na paisagem que caracteriza um dos fundamentos tanto da Arquitetura quanto da Geografia. Quando Schopenhauer nos fala em particular da arte poética, da essência de se recitar uma palavra, bem como da arte pictórica, o mesmo também nos aponta algo sobre a essência do grito (Laocoonte) e assim nos propõe a seguinte passagem: “um grito pintado ou destituído de voz seria ainda mais risível do que música pintada” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 304). Considerando esta afirmativa um tanto exótica, por assim dizer, poder-se-ia assinalar a importância do papel da música e da pintura nos estudos arquitetônicos.

Com efeito, as relações numéricas permeiam tanto a arquitetura quanto a música, do mesmo modo a geografia (isto já fora apontado anteriormente). Com isso percebe-se o potencial da mente humana agindo na construção das ideias que governam o mundo. Para Leibniz a música é um exercício oculto de aritmética em que a mente conta/calcula, porém, inconscientemente. Portanto, as relações com os números ao que nos parece, promove, grosso modo, o nascimento da arte em geral. A passagem de Leibniz é referência para muitos estudiosos da arte musical, contudo, há pesquisadores que desconhecem os escritos deste filósofo e matemático. - Para evitarmos nos entender demasiadamente no presente texto, citemos brevemente a proposição Leibniziana a fim de evidenciarmos a mesma na relação envolvendo arquitetura e música. Conforme Patrice Bailhache o principal tema da teoria musical de Leibniz apresenta-se da seguinte forma: “o tema mais conhecido é sem dúvida aquele segundo o qual o matemático assimila a música a uma aritmética inconsciente” (BAILHACHE, 1992, p. 141). Pois para Leibniz “a música é um exercício oculto de aritmética no qual a alma não sabe que conta” (LEIBNIZ, 1992, p. 151)¹⁵. Neste sentido, o mesmo pode-se dizer da arquitetura como um exercício oculto de música no qual o espírito não se dá conta que expõe na prática sons óptico.

Uma vez chegado ao fim de nossa exposição nesta segunda parte e diante o exposto em termos gerais, acreditamos que ainda merece ser colocado algo que nos ocupa. - A fim de ilustração, é notável observarmos que toda a discussão em si

15 Tradução interpretativa nossa. No original francês: “la musique est une pratique occulte de l’arithmétique dans laquelle l’esprit ignore qu’il compte” (LEIBNIZ, 1992, p. 151). A música é uma prática oculta de aritmética no qual o espírito ignora que conta (tradução literal nossa). Em latim como aparece na edição francesa: “musica est exercitium arithmeticae occultum nescientis se numerare animi” (BAILHACHE, 1992, p. 141).

sempre esteve margeando a fenomenologia, quer direta ou indiretamente, como metodologia de pesquisa. Assim, convém salientar um ponto particular que identificamos. Por certo, talvez muitos discordem do que iremos propor, mas fora o que conseguimos identificar criticamente. Bem entendido, apesar de o termo fenomenologia ter sido expresso pela primeira vez em 1764 por Lambert¹⁶ e, a partir de então ter recebido novas formas ou significações diferenciadas, principalmente e “notadamente aquelas dadas por Kant, Hegel, Husserl e Heidegger” (GOMES, 2011, p.116), bem como por Merleau-Ponty e outros mais, consideramos - ousadamente - ter sido *SCHELLING* um dos mais notáveis e brilhantes fenomenólogos ou fenomenologistas que já existira. Em praticamente todos os seus escritos percebe-se a ideia de uma fenomenologia imanente permeando as palavras tecidas. Os aforismos relacionados à Filosofia da Natureza¹⁷ e os escritos sobre Filosofia da Arte, principalmente, são excelentes exemplos de ideias fenomenológicas ali implantadas.

O romantismo idealista de Schelling faz-se transfigurar, torna-se transcendente, ou melhor, acaba sendo um verdadeiro entendimento fenomenológico do mundo. Não obstante, para Schelling “o que chamamos natureza é um poema cifrado em maravilhosos caracteres ocultos” (SCHELLING, 2005, p. 425). Quer dizer, se para Schelling o natural está camuflado ocultando a sua verdadeira face, isto demonstra que devemos nos envolver com outros meios do saber humano (em nosso caso discutindo Ciência e Artes) para conseguirmos visualizar àquilo que supostamente não se enxerga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações que não se conclui, reconhecemos evidentemente a importância da temática no que concerne à Arquitetura e à Geografia, por sua vez, enfatizando o simbolismo artístico em ambos os campos do saber que trabalham o espaço em si. - Reconhecemos a importância dos estudos entre Arquitetura e Geografia e entre Arquitetura e Música. Portanto, há que salientar o papel fundamental atribuído por Vitruvius quando este nos comunica ser importante que o arquiteto valorize as abordagens dos filósofos e, do mesmo modo, conheça música, para assim desenvolver seu trabalho com mais facilidade e maior eficiência. No mesmo sentido há que ressaltar o papel atribuído por Schelling quando o mesmo chama atenção do mundo por considerar a arquitetura como música petrificada (música congelada). Esta ideia é algo que precisa ser estudada rigorosamente (em profundidade) para uma melhor compreensão do seu termo. Lembremos ao leitor que aqui apenas fizemos breves apontamentos a respeito da composição termi-

16 “O primeiro texto em que figura esse termo é o *Novo órganum* (1764) de J. H. Lambert” (DARTIGUES, 1992, pp. 01-02, grifo do autor).

17 Em relação à Filosofia da Natureza de Schelling, pode-se dizer ser uma obra fundamental aos estudos geográficos. Ver SCHELLING, F. W. J. **Escritos sobre filosofia de la naturaleza**. (Estudio preliminar, traducción y notas de Arturo Leyte) Madrid: Alianza Editorial, 1996. 280p. (Colección Alianza Universidad)

nológica referenciada por Schelling. O presente texto está muito distante de ter atingido a totalidade concernente à terminologia de Schelling. Tão somente foram feitos breves apontamentos a respeito do termo.

Defendemos a ideia de que temos que trabalhar com a noção de arqueologia, (algo a se pensar filosoficamente), isto é, temos de efetuar escavações profundas para descobrirmos as belezas escondidas de nossos antepassados. Ideia mesma de buscar direto nas fontes e desenterrar aquilo que permanece enterrado. Uma espécie de arqueologia do conhecimento. Devemos atingir a raiz das coisas plenamente. Cavar o mais profundo possível a fim de trazermos à superfície (à luz) o oculto que se encontra embutido nas coisas. Com efeito, isto exige esforço dos pesquisadores envolvidos na trama do conhecimento em si. - Os tempos de outrora nos deixou muito de seus ensinamentos ainda por desenvolvermos, então façamos por onde esses ensinamentos possam contribuir positivamente para com o futuro da humanidade.

Esperamos que este simples texto envolvendo concernentemente Arquitetura e Geografia, possa servir como base de estudos para aqueles que desejam estudar sobre as interpretações do espaço concomitantemente. Quer dizer, uma abordagem sobre o espaço-tempo em si, nunca será demais dizer: ao estudar o espaço-tempo físico há que considerar a interdisciplinaridade, caso contrário, a análise torna-se muito vago do ponto de vista crítico. Isto se dá em virtude da complexidade de se trabalhar o espaço-tempo físico-químico-biológico. Enfim, temos em mente que aquilo que fora discutido sirva como referência a todos os estudos a serem desenvolvidos posteriormente no que diz respeito à Arquitetura e à Geografia, principalmente. Por ora é isso o que compreendemos.

ABSTRACT

This article discusses briefly the relationship involving Architecture, Geography and Music under the artistic- philosophical bias. Similarly, aims to highlight the importance of the theme of the discussion when referring to the occupation of geographical space as living space and experience of beings, especially man, relating the phenomenological- existential joints thereof. From an artistic and philosophical perspective it seeks to develop prosaic dialogue about space, forms of languages related to plastic constructions and imagination contained in the artwork significantly culture of men , in particular based on two forms of arts: architecture and music. Bringing the discussion involving the relationship Arts and Science in order to show that these perspectives are other ways of enriching the way of reading the world and the symbolic value inserted these contribute consubstantially to be more sharply otherness. Thus, tries for a brief understanding of the mode of expression and organization of objective structures in various cultures, however, by an artistic and philosophical look.

Keywords: Architecture; Geography; Music.

RESUMEN

En este artículo se analiza brevemente la relación que implica Arquitectura, Geografía y Música bajo el sesgo artístico- filosófico. Del mismo modo , tiene como objetivo poner de relieve la importancia del tema de la discusión cuando se refiere a la ocupación del espacio geográfico como espacio de vida y la experiencia de los seres, especialmente el hombre , en relación a las articulaciones - fenomenológica existencial del mismo. Desde un punto de vista artístico y filosófico que trata de desarrollar el diálogo prosaico sobre el espacio, las formas de lenguajes relacionados con las construcciones y la imaginación de plástico contenidos en la obra de manera significativa la cultura de los hombres, en particular, sobre la base de dos tipos de artes : la arquitectura y la música. Con lo que el debate con la participación de las Artes y las Ciencias de relación con el fin de mostrar que estas perspectivas son otras maneras de enriquecer la forma de leer el mundo y el valor simbólico insertado estos contribuyen consubstancialmente ser más agudamente la alteridad. Por lo tanto, trata de una pequeña explicación del modo de expresión y de organización de las estructuras objetivas en las diversas culturas, sin embargo, por una mirada artística y filosófica.

Palabras clave: Arquitectura; Geografía; Música.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia:** ciência da sociedade. 2ª edição. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 246p.

BAILHACHE, Patrice. **Leibniz et la Théorie de la Musique.** Paris: Klincksieck, 1992. 158p.

BLANCO, André Luís Queiroz. **A contribuição da Geografia na formação do Arquiteto e Urbanista:** o enfoque sistêmico e a dimensão ambiental do espaço. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências da UNICAMP. Campinas, 2002. 106p.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Espaço Urbano e Arquitetura em *Matrix*. p. 253-263. In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas da e GALEANO, Alex (Orgs.). **GEOGRAFIA: ciência do complexus.** Ensaios Interdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004. 336p.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** 3ª ed. (Tradução de Maria José J. G. de Almeida) São Paulo: Moraes, 1992. 176p.

DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico.** (Tradução de Heloysa de Lima Dantas). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. 128p. (Coleção Saber Atual; 153)

GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia.** Rio de Janeiro: Forense, 1969. 204p.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, Tempo e Arquitetura:** o desenvolvimento de uma Nova Tradição. (Trad. Alvamar Lamparelli; revisão técnica e da tradução Ana Luiza Nobre e Denise Chini Solot) São Paulo: Martins Fontes, 2004. 956p.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Escritos sobre Arte**. (Introdução, tradução e notas de Marco Aurélio Werle) São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. 279p. (A formação da Estética)

_____. **Doutrina das Cores**. (Apresentação, seleção e tradução Marco Giannotti) São Paulo: Nova Alexandria, 1993. 184p.

_____. **Goethes Werke**. Schriften zur Kunst; Schriften zur Literatur; Maximen und Reflexionen. Textkritisch durchgesehen von Erich Trunz und Hans Joachim Shrimpf. Kommentiert von Herbert von Einem und Hans Joachim Shrimpf. Zehnte Auflage. (Band XII) München: Verlag C. H. Beck, 1982. 806p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 2011. 368p.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética: o sistema das artes**. (Trad. Álvaro Ribeiro) São Paulo: Martins Fontes, 1997. 630p. (Paidéia)

_____. **Werke: vorlesungen über die Ästhetik II**. (Werke 14) Frankfurt am Main: Suhrkanp, 1970. 464p. (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft: 614)

ISNARD, Hildebert. **O Espaço Geográfico**. (Tradução, prólogo, léxico e notas por João Victor G. Da Silva Pereira) Coimbra: Livraria Almedina, 1982. 260p. (Coleção Novalmedina: 30)

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Leibniz à Goldbach, Hanovre, 17 avril 1712 [en latin, extraits]. Lettres sur ma musique de Leibniz a Christian Goldbach. p. 151-153. In: BAILHACHE, Patrice. **Leibniz et la Théorie de la Musique**. Paris: Klincksieck, 1992. 158p.

_____. **Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz**. Herausgegeben von C. I. Gerhardt. (7 vol. Berlin 1875-1890). V. 6. Berlin: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim, 1961. 632p.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é Arquitetura**. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986. 88p. (Coleção Primeiros Passos)

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152p.

POLIÃO, Marco Vitrúvio. **Da Arquitetura**. 2ª Edição (Apresentação Júlio Roberto Katinsky; tradução e notas Marco Aurélio Lagonegro) São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. 248p.

PULS, Mauricio Mattos. **Arquitetura e Filosofia**. São Paulo: Annablume, 2006. 598p.

RABELO, Frederico André. **Arquitetura e Música: interseções polifônicas**. Dissertação de Mestrado. Mestrado Interinstitucional em Arquitetura (MINTER UFRGS/UCG). Goiânia, 2007. 160 p.

HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da geografia**. (Tradução de Thomaz Newlands Neto) Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História - Comissão de Geografia, 1969. 274p. (Textos básicos; 4)

SHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Aforismos para Introdução à Filosofia da Natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza**. (Tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves) Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Loyola, 2010. 172p.

_____. **Sistema del Idealismo Trascendental**. 2ª edición. (Traducción, prólogo y notas de Jacinto Rivera de Rosales y Vitgini López Domínguez) Barcelona: Anthropos, 2005. 480p. (Autores, textos y temas. Filosofía: 14)

_____. Philosophie der Kunst (1802/1803). p. 181-566. In: **Ausgewählte Schriften. Schriften 1801-1803**. 3. Aulf. (Band 2) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003. 640p. (Sammlung. Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft: 522)

_____. **Filosofia da Arte**. (Tradução, introdução e notas Marcio Suzuki) São Paulo: Edusp, 2001. 417p. (Clássicos: 23)

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. (Trad. Jair Barboza) São Paulo: Unesp. 2005. 696p.

_____. **Metafísica do Belo**. (Tradução, apresentação e notas Jair Barboza) São Paulo: Unesp, 2003. 256p.

SILVA, Armando Corrêa da. **De Quem é o Pedaco?** (Espaço e Cultura). São Paulo: Hucitec, 1986. 168p.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia, Literatura e Música: o simbolismo geográfico na arte. In: **Revista de Geografia** (UFPE). Recife, vol. 30, nº 1, pp. 103-147, 2013. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/667/480>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2013. 248p.